



Revista Brasileira

FASE VII 🌀 ABRIL-MAIO-JUNHO 2005 🌀 ANO XI 🌀 N.º 43

Esta a glória que fica, eleva, honra e consola.

MACHADO DE ASSIS

ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS 2005

DIRETORIA

Presidente: *Ivan Junqueira*
Secretário-Geral: *Evanildo Bechara*
Primeira-Secretária: *Ana Maria Machado*
Segundo-Secretário: *Marcos Vinicius Vilaça*
Diretor-Tesoureiro: *Cícero Sandroni*

MEMBROS EFETIVOS

Affonso Arinos de Mello Franco,
Alberto da Costa e Silva, Alberto
Venancio Filho, Alfredo Bosi,
Ana Maria Machado, Antonio Carlos
Secchin, Antonio Olinto, Ariano
Suassuna, Arnaldo Niskier,
Candido Mendes de Almeida,
Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar,
Cícero Sandroni, Eduardo Portella,
Evanildo Cavalcante Bechara, Evaristo
de Moraes Filho, Pe. Fernando Bastos
de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira,
Ivo Pitanguy, João de Scantimburgo,
João Ubaldino Ribeiro, José Murilo de
Carvalho, José Sarney, Josué Montello,
Lêdo Ivo, Lygia Fagundes Telles, Marco
Maciel, Marcos Vinicius Vilaça, Miguel
Reale, Moacyr Scliar, Murilo Melo Filho,
Nélida Piñon, Oscar Dias Corrêa,
Paulo Coelho, Sábato Magaldi, Sergio
Corrêa da Costa, Sergio Paulo Rouanet,
Tarcísio Padilha, Zélia Gattai.

REVISTA BRASILEIRA

DIRETOR

João de Scantimburgo

CONSELHO EDITORIAL

Miguel Reale, Carlos Nejar,
Arnaldo Niskier, Oscar Dias Corrêa

PRODUÇÃO EDITORIAL E REVISÃO

Nair Dametto

ASSISTENTE EDITORIAL

Monique Cordeiro Figueiredo Mendes

PROJETO GRÁFICO

Victor Burton

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Estúdio Castellani

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
Av. Presidente Wilson, 203 – 4^º andar
Rio de Janeiro – RJ – CEP 20030-021
Telefones: Geral: (0xx21) 3974-2500
Setor de Publicações: (0xx21) 3974-2525
Fax: (0xx21) 2220.6695
E-mail: publicacoes@academia.org.br
site: <http://www.academia.org.br>

As colaborações são solicitadas.

Sumário

Editorial

JOÃO DE SCANTIMBURGO A França e o Brasil 5

PROSA

PAULO NAPOLEÃO NOGUEIRA DA SILVA A França no Brasil 9

PAULO ROBERTO PEREIRA João Cointha, um heterodoxo na França Antártica . 19

ALBERTO VENANCIO FILHO Montaigne e os canibais 39

ALFREDO BRITTO Missão Francesa de 1816: esplendor e ruptura 57

MASSAUD MOISÉS Paris, berço do Romantismo brasileiro: Gonçalves de Magalhães e Araújo Porto-Alegre 67

AFONSO ARINOS, FILHO Bernanos, Virgílio e Afonso 83

MASSAUD MOISÉS Blaise Cendrars e o Modernismo 93

ELIZABETH TRAVASSOS / MANOEL ARANHA CORREA DO LAGO Darius Milhaud e os “compositores de tangos, maxixes, sambas e cateretês” 109

ALEXEI BUENO Influências francesas no Modernismo brasileiro 145

ALFREDO BOSI O positivismo no Brasil: Uma ideologia de longa duração . . . 157

J.O. DE MEIRA PENNA Santos Dumont 183

CARLOS DE MEIRA MATTOS A Missão Militar Francesa no Brasil 187

TURÍBIO SANTOS Villa-Lobos em Paris 191

MIGUEL REALE Momentos decisivos da Universidade de São Paulo 199

MARIETA DE MORAES FERREIRA Os professores franceses e a redescoberta do Brasil 227

UBIRATAN MACHADO A literatura francesa no Brasil durante a II Guerra Mundial 247

CÍCERO SANDRONI Pierre Plancher e o *Jornal do Commercio* 263

JOÃO DE SCANTIMBURGO Gobineau no Brasil 279

SÁBATO MAGALDI Presença da França no teatro brasileiro 285

ROBERTO ALVIM CORRÊA Julho 1956 297

JOSÉ ARTHUR RIOS Memória de Maritain 305

ANTONIO OLINTO A dimensão de Proust 321

NELSON SALDANHA Trajetória e crise das “leituras francesas” 329

JOÃO DE SCANTIMBURGO Jean Manzon depois da guerra 335

ALBERTO DA COSTA E SILVA Pierre Verger, de parisiense a afro-brasileiro . . 339

POESIA

CHARLES BAUDELAIRE Poemas traduzidos por Ivan Junqueira 345

GUARDADOS DA MEMÓRIA

ALCEU AMOROSO LIMA François Mauriac 355



A França e o Brasil

JOÃO DE SCANTIMBURGO

O aventureiro Villegaignon e seus companheiros de aventura quiseram estabelecer no Atlântico Sul, em terras conquistadas e reconhecidas pelo Papado, segundo os termos do Tratado de Tordesilhas, uma colônia na parte que coubera aos lusos pelo descobrimento. Não poderia ser outra a reação lusitana: a expulsão dos invasores de seus domínios, reconhecidos pela sociedade de nações da época, o Papado. Expulsos, demonstrando não se terem conduzido por um plano de conquista, sem contar com apoio militar que se opusesse aos portugueses fiéis a El Rei, e os considerassem detentores das terras descobertas por seus navegadores, os franceses da utópica França Antártica debandaram.

Ficou de Villegaignon uma lembrança: a denominação de uma ilha na baía da Guanabara. Sinal esse com que os portugueses resolveram homenagear o francês que desejava instaurar no Atlântico Sul uma possessão francesa, germe de uma futura expansão da França ao sul do continente que os espanhóis e os portugueses receberam no encontro de Tordesilhas.

Geopoliticamente os franceses perderam, porém a França já era uma potência e tinha um grau de cultura e civilização dos mais altos da terra. Sua literatura era a mais adiantada de todas, inclusive no seu

confronto com a inglesa. Na metrópole, Portugal já cultivava as letras francesas, e tinha na França um modelo que admirava e procurava imitar, como sempre fez nos séculos seguintes ao da aventura de Villegaignon.

As nações são fortes e fracas. Nos séculos XVI e seguintes, até poucos anos atrás, a França foi uma nação forte, embora tenha perdido militarmente muito de sua operosa sobrançeria em face de outras nações. Daí a sua importância entre as nações, não obstante um processo degenerativo que a enfraqueceu, do qual decorreu a derrota de suas forças militares perante os alemães, na Segunda Guerra, derrota que tanto abalou no Brasil o amor que dedicamos ao glorioso país ao qual se deve uma das opções democráticas contemporâneas, à qual tanto devemos na consolidação da nossa democracia.

Se, pois, a França não pôde ser antártica, como queriam Villegaignon e seus companheiros de viagem na utopia, conquistou um lugar de relevo na acepção sentimental de várias gerações de intelectuais brasileiros. Pode-se afirmar, no estudo que se fez da França e o Brasil, que absorvemos as lições francesas como se estivessem especialmente preparadas para nós. A francofilia foi acompanhada, evidentemente, da francofonia, e as gerações que se seguiram desde o século XVII até a Segunda Guerra fizeram do francês a sua segunda língua e da França a sua segunda pátria. Daí termos sofrido a derrota do início da guerra como se fôssemos os responsáveis pelo desastre que tanto afligiu os franceses e seus aliados na luta pela democracia e as liberdades de que devemos gozar, contra a estatolatria dos totalitarismos.

Podemos afirmar, portanto, que assimilamos a França, os seus escritores, os poetas, os prosadores, os pensadores e também a culinária e a moda, com verdadeira paixão pela pátria gaulesa, que sentíamos próxima de nós outros. Se o francês era falado fluentemente por todos os intelectuais brasileiros da geração que chegou até a guerra, é porque víamos na França um guia de nossos interesses pelo desenvolvimento da nação, ainda hoje antes emergente do que altamente industrializada, numa economia compatível com as mais fortes, dentre as quais a da França, uma das peças principais da União Européia e, provavelmente, uma das parceiras do Brasil na evolução da nossa economia para uma posição de relevo, que nos impunha como potência entre as grandes nações.

Não está, portanto, terminada a nossa comunhão de paralelismos, nem de adesão a outras potências que nos podem ser úteis na execução do plano de desenvolvimento que cultivamos.

Não nos dissociamos da França, a grande França das liberdades, não nos separamos; ao contrário, temos demonstrado e estamos, com a nossa iniciativa, dedicando um número de nossa Revista à *entente cordiale* – diferente da outra mas também aproximadora e mantenedora de mútua amizade, – que nos faça atuar no campo internacional em estreita união de objetivos econômicos e sociais, literários e filosóficos.

Reafirmamos que temos a França no coração. Somos, sem dúvida, da geração francófila e francofônica, mas não podemos ter simplesmente a esperança de que as novas gerações aprendam, com os exemplos franceses, a conviver democraticamente. Esperamos prolongar essa aprendizagem, social, intelectual, e culturalmente, pois o país a quem dedicamos este número da REVISTA BRASILEIRA é um repositório incomparável de grandes idéias, de dedicação aos interesses nacionais, e com preocupações sem trégua com a parcela do povo que tem mais dificuldade para atingir o padrão de vida que os povos altamente industrializados já alcançaram, com vantagens para as gerações emergentes.

É com esse espírito, com essa vontade, robusta e firme, que dedicamos um número especial da REVISTA BRASILEIRA à França, amiga do Brasil e sua guia em tempos passados que ainda não se esgotaram, para proveito nosso.